

## Declaração

*Por estarmos de acordo com a sua doutrina e por julgarmos oportuna a sua publicação, reproduzimos a seguinte declaração, que um grupo de anarquistas acaba de publicar, sobre as desvantagens duma paz prematura.*

**D**E diversos lados se levantam vozes para pedir a paz imediata. — «Basta de sangue derramado, basta de destruição!» diz-se, «é tempo de acabar com isto duma ou doutra maneira!»

Mais do que ninguém, e ha muito tempo, temos sido, nos nossos jornais, contra toda a guerra de opressão entre os povos e contra o militarismo, seja qual fôr o capacete que o cubra, imperial ou republicano. Por isso ficariamos radiantes se vissemos as condições da paz discutidas — se isso fosse possível — pelos trabalhadores europeus, reunidos num congresso internacional. Tanto mais que o povo alemão, se se deixou enganar em agosto de 1914 e se acreditou rialmente que o mobilizavam para a defeza do seu territorio, tem tido tempo de se aperceber de que o enganaram para o lançarem numa guerra de conquistas.

Com efeito, os trabalhadores alemães, pelo menos os seus agrupamentos mais ou menos avançados, devem agora compreender que os planos de invasão da França, da Belgica e da Russia, tinham sido preparados de longa data e que se esta guerra não estalou em 1875, em 1886, em 1911 ou em 1913, é porque as relações internacionais se não apresentavam então sob um aspecto bastante favoravel e os preparativos militares não estavam completos para prometer a vitoria à Alemanha, (linhas estrategicas a completar, canal de Kiel a alargar, os grandes canhões de sitio a aperfeiçoar).

E agora, após vinte mêses de guerra e de perdas espantosas, deveriam compreender que as conquistas feitas pelos exercitos alemães não poderão ser mantidas. Tanto mais que seria preciso reconhecer este principio, (já reconhecido pela França em 1859, depois da derrota da Austria) que é a população de cada territorio que deve exprimir se consente ou não em ser anexada.

Se os trabalhadores alemães começassem a compreender a situação como nós a compreendemos e como já a compreende uma fraca minoria dos seus social-democratas, — e se elles pudessem fazer-se ouvir pelos seus governantes — então haveria um terreno para um começo de discussão relativa á paz:

Mas, então, os operarios alemães deveriam declarar que se recusam em absoluto a fazer anexações ou a aprova-las; que renunciam á pretensão de impôr contribuições ás nações invadidas; que reconhecem o dever do Estado alemão em mediar, tanto quanto possível, os estragos materiais causados pelos invasores nos países vizinhos e que não pretendem impôr a estes, condições de sujeição economica sob o nome de tratados comerciais.

Infelizmente não se tem visto, até agora, sintomas de despertar, neste sentido, do povo alemão. Falou-se da conferencia de Zimmerwald; mas faltou a essa conferencia o essencial: a representação dos trabalhadores alemães. Tambem se tem dado muita importancia a alguns tumultos que se produziram na Alemanha em seguida á carestia dos viveres. Mas esquecem-se de que sempre esses factos se deram durante as grandes guerras, sem influirem na sua duração. Por isso todas as disposições tomadas pelo governo alemão, neste momento, provam que elle se prepara para novas aggressões, na volta da primavera.

Mas como o governo alemão sabe que, na primavera, os aliados lhe oporão novos exercitos, dispondo de novo material e duma artilharia bem mais poderosa do que antes, trabalha, ao mesmo tempo, para semear a discordia no seio das populações dos países inimigos. E emprega, para isso, um meio tão velho como a propria guerra, que é o de espalhar boatos de uma paz proxima, á qual, entre os adversarios, só os militares e os fornecedores dos exercitos se oporiam. Foi o que fez von Bulow, com os seus secretarios, durante a sua ultima estada na Suissa.

Mas sob que condições sugere elle, a conclusão da paz?  
A *Neue Zürcher Zeitung* julga saber — e o jornal oficial

*Norddeutsche Zeitung* não o desmentiu — que a maior parte da Belgica seria evacuada, mas com a condição de dar garantias de não repetir o que fez em agosto de 1914, quando se opôs á passagem das tropas alemãs. Que garantias seriam essas? As minas de carvão belgas? O Congo? Não o dizem. Mas pedem já uma forte contribuição anual. O territorio conquistado em França seria restituído, assim como a parte da Lorena onde se fala francês. Mas, em troca, a França passaria para o Estdo alemão todos os emprestimos russos. Isto significa uma contribuição de dezoito mil milhões que o governo francês lançaria sobre o povo, visto que são os trabalhadores que pagam os impostos. Dezoito mil milhões para resgatar dez departamentos que, pelo seu trabalho, êles tinham tornado tão ricos e opulentos e que lhes seriam entregues arruinados e devastados!

Quanto a saber o que se pensa na Alemanha das condições da paz, uma coisa é certa: a imprensa burguesa prepara a nação para a ideia da anexação pura e simples da Belgica e dos departamentos do norte da França. Não ha na Alemanha uma força capaz de se lhe opôr. Os trabalhadores que deveriam levantar a voz contra as conquistas, não o fazem. Os operarios sindicados deixam-se arrastar pela febre imperialista e o partido social-democrata, fraco demais para exercer influencia nas decisões governamentais ácerca da paz, — mesmo que representasse uma massa compacta — encontra-se dividido em dois partidos hostis, e a maioria do partido vai com o governo.

O Imperio alemão, sabendo que os seus exercitos estão ha 18 meses a 90 kilometros de Paris e *apoiado pelo povo alemão nos seus sonhos de novas conquistas*, não vê porque não ha-de aproveitar das conquistas já feitas. Crê-se com a força precisa para ditar as condições da paz, que lhe permitiriam empregar os novos biliões de contribuições em novos armamentos, para atacar a França quando melhor lhe parecesse, e arrebatá-lhe as colonias, assim como outras provincias, de fórma a nunca mais recear a sua existencia.

Falar da paz neste momento é fazer precisamente o jogo do partido ministerial alemão, de Bulow e dos seus agentes.

Pela nossa parte recusamo-nos em absoluto a compartilhar das ilusões de alguns dos nossos camaradas sobre as disposições pacificas dos que dirigem os destinos da Alemanha. Preferimos olhar o perigo bem de frente e procurar o que ha a fazer para o evitar. Ignorar esse perigo seria aumenta-lô.

Em nossa profunda consciencia, a aggressão alemã constituia uma ameaça — posta em execução — não só contra as nossas esperanças de emancipação, mas contra toda a evolução humana. Eis porque nós, anarquistas; nós, anti-militaristas; nós, inimigos da guerra; nós, partidarios ardentes da paz e da fraternidade dos povos, nos pusemos ao lado da resistencia e entendemos não dever separar a nossa sorte da do resto da população.

Não julgamos necessario insistir em que teriamos preferido vêr essa população tomar em suas proprias mãos os cuidados da defesa. Não tendo sido isto possivel, não havia senão que suportar o que não se podia mudar. E com os que lutam, entendemos que, a menos que a população alemã não volte a manifestar noções mais sãs da justiça e do direito, renunciando a servir por mais tempo de instrumento aos projectos de dominio da politica pangermanista, não se pôde tratar de paz.

Sem duvida, apesar da guerra, apesar dos morticinios, não esquecemos que somos internacionalistas, que queremos a união entre os povos, o desaparecimento das fronteiras. E é porque nós queremos a reconciliação dos povos, sem esquecer o povo alemão, que pensamos ser necessario resistir a um agressor que representa o aniquilamento de todas as nossas esperanças de emancipação.

Falar de paz, enquanto o partido que, durante quarenta e cinco anos fez da Europa um vasto campo entrincheirado, pôde ditar as condições, seria o erro mais desastroso que se poderia cometer. Resistir e fazer abortar os seus planos, é preparar o caminho para a população alemã, que ficou sã, e dar-lhe os meios de se libertar desse partido.

Que os nossos camaradas alemães compreendam que esta é a unica saída vantajosa para ambos os lados e nós estamos prontos a colaborar com êles.

28 de fevereiro de 1916.

*Christian Cornelissen, Henri Fuss, Jean Grave,  
Jacques Guérin, Hussein Bey, P. Kropotkine, A.  
Laisant, F. Le Leve (Lorient), Charles Malato,  
Jules Moineau (Liège), Ant. Orfila (Argelia),  
M. Pierrot, Paul Reclus, Richard (Argelia), S.  
Schikava (Japão), W. Tcherkesoff.*